

TEORIA QUEER NA DISCUSSÃO DE GÊNERO E IDENTIDADE EM ANNIE PROULX¹

QUEER THEORY IN GENDER AND IDENTITY DISCUSSION IN ANNIE PROULX

Vera Lucia Alves Mendes Paganini²

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir questões de gênero na Teoria Queer, analisando as personagens Ennis Del Mar e Jack Twist, da obra “O Segredo de Brokeback Mountain” (2006) de Annie Proulx, bem como o ambiente hostil em que estão expostos. Tomaremos como fundamentação teórica básica Foucault e sua História da Sexualidade (1984, 1985, 2003) e Butler, com a obra Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade (2003).

Palavras-chave: Literatura. Gêneros. Teoria Queer. Homoerotismo. Arte. Identidade.

Abstract: This article aims to discuss issues of gender in Queer Theory, analyzing the characters Ennis Del Mar and Jack Twist, from Brokeback Mountain (2006), by Annie Proulx, as well as the hostile environment in which they are exposed. We will take as theoretical background Foucault and his History of Sexuality (1984, 1985, 2003) and Butler, with the work Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity (2003).

Keywords: Literature. Gender. Queer Theory. Homoeroticism. Art. Identity.

Introdução

As revoluções comportamentais dos anos 60 e 70 modificam veloz e radicalmente a estrutura das sociedades posteriores. As minorias têm voz ativa a partir desse período, e isso vem permitir a (re)criação de um movimento artístico seguidor de forte tendência pós-estruturalista, pós-freudiano e pós-feminista, impulsionado nos anos 80 e principalmente 90: a Art Queer ou *Homo Art*.

Os debates acerca da Teoria Queer são impulsionados com os trabalhos de Michel Foucault, que sistematiza e oferece um teor científico a esse tipo de discussão. O filósofo francês mostra-nos em sua obra que o amor entre os iguais é tão antigo quanto o próprio ser

¹ Artigo produzido como trabalho de conclusão da disciplina Literatura e Cinema do Programa de Mestrado em Letras & Linguística – Estudos Literários (UFG) 2006, apresentado no COLE, 2007.

² Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal e Goiás (UFG). Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Inhumas, e da Secretaria de Estado da Educação-GO. E-mail: verapaganini@hotmail.com.

humano. E voltando à Antiguidade fica mais fácil entender como a pederastia é tratada nos dias atuais. Tais investigações foram realizadas por Foucault nos três volumes de sua *História da Sexualidade* (1984, 1985, 2003), em outros ensaios e em conferências proferidas em diversos países.

Para Proust (*apud* Lemos, 2003, p. 46), os homossexuais de nossa era são “infelizes por viverem a ocultar seu ‘mal’”, afirmação que coopera significativamente para entendermos a produção de Annie Proulx (2006). Isso também explica o fato de que grande parte da literatura aborde esse tema de forma alusiva, alegórica ou indiretamente; há uma quantidade significativa de narrativas em formato de diários, em que o narrador tenta falar de sua homossexualidade, mas parece estar impedido, e sua voz soa como um sussurro nos momentos em que se expõe. O fato é que, desde a antiguidade, o cristianismo romano trata a homossexualidade como algo demoníaco, proibindo, portanto, sua abordagem, silenciando os possíveis defensores da ideia. No entanto, o mesmo silêncio não se verifica entre os gregos.

Na Grécia Antiga, encontramos n’*O Banquete* (1972) de Platão, um grupo de filósofos em uma festividade promovida por Agatão para que se faça um concurso de discursos em louvor ao deus Amor. Fedro, a fim de demonstrar a grandiosidade do Amor, retoma a tragédia de Eurípides em que a heroína Alceste se oferece para morrer em lugar do marido Admeto; nem mesmo os pais do rei de Feres aceitaram tamanho sacrifício. Ao saber do nobre ato de Alceste, Hércules desce aos reinos de Hades e traz de volta a rainha sacrificada. O diálogo retoma, ainda, o drama de Orfeu, que tem sua Eurídice aprisionada no Hades; mas em seguida passa a louvar igualmente o Amor entre Pátroclo e Aquiles, e, ao final, exalta a relação entre os heróis de Homero por parecer-lhe muito mais virtuoso, honrado e bem-aventurado do que os anteriores.

Em seu discurso, Pausânias propõe que se existem duas deusas Afrodite, uma filha de Urano (Urânia, a Celestial) e outra filha de Zeus e Dione (Pandemia, a Popular), também existem dois amores. O Amor de Afrodite Pandemia é popular, sendo cultuado pelos homens vulgares, pois amam mais o corpo que a alma. O amor da deusa Urânia participa, segundo Pausânias, só do macho: “é a mais velha, isenta de violência, daí então é que se voltam ao que é másculo os inspirados deste amor, afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência” (PLATÃO, 1972, p. 21).

Erixímaco aproveitando-se da fala de Pausânias, conclui que “a natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor” (PLATÃO, 1972, p. 25). Ocorre que, Erixímaco salienta posteriormente as peculiaridades desse duplo Amor:

[...] quando porém é o amor casado com a violência que se torna mais forte nas estações do ano, muitos estragos ele faz, e ofensas. Tanto as pestes, com efeito, costumam resultar de tais causas, como também muitas e várias doenças nos animais como nas plantas; geadas, granizos e alforras resultam, com efeito, do excesso da intemperança mútua de tais manifestações do amor (PLATÃO, 1972, p. 27).

Esse excerto apresenta um sentimento humano bastante presente no conto *O Segredo de Brokeback Mountain* (2006): a culpa em decorrência da efetivação dos prazeres corporais através do sexo, e que espera punição iminente. Desse modo, é bastante simbólico na narrativa de Proulx (2006) certos acontecimentos alentados justamente no momento mais intenso do relacionamento entre as personagens centrais:

Só havia os dois na montanha pairando no ar eufórico e amargo [...]. Eles se achavam invisíveis, sem saber que Joe Aguirre um dia os observara com seu binóculo 10 x 42 durante dez minutos, esperando até eles terem abotoado as calças, até Ennis ter voltado para as ovelhas, antes de levar o recado de que os pais de Jack mandaram avisar que seu tio Harold estava hospitalizado com pneumonia e ninguém achava que sairia daquela. [...] Em agosto, Ennis passara a noite inteira com Jack no acampamento principal, e, durante uma tempestade de granizo e vento, as ovelhas fugiram para leste e se misturaram com um rebanho em outra gleba. Foram cinco dias desgraçados (PROULX, 2006, p. 21)

Em seu discurso, Aristófanes afirma que a natureza humana outrora era dividida em três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Esse último, apresentado como um ser híbrido, de duas faces, uma masculina e outra feminina, era dotado de grande força, vigor e presunção, e em determinado momento revoltou-se contra os deuses, tentando escalar o céu em uma investida contra os seres que viviam no Olimpo. Zeus, então, decide cortar cada um dos andróginos em dois, a fim de diminuir sua força. Seria essa, portanto, a razão pela qual um indivíduo procura e se liga ao outro, a fim de restabelecer o antigo vínculo perdido. Entrementes, o discurso aristofânico salienta:

Todas as mulheres que são o corte de uma mulher não dirigem muito sua atenção aos homens, mas antes estão voltadas para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despidos, mas estão mentindo; pois não é por despidos que fazem isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante. Uma prova disso é que, uma vez amadurecidos, são os únicos que chegam a ser homens para a política, os que são desse tipo. E quando se tornam homens, são os jovens que eles amam, e a casamentos e procriação naturalmente eles não lhes dão atenção, embora por lei a isso sejam forçados, mas se

contentam em passar a vida um com o outro, solteiros. Assim é que, em geral, tal tipo torna-se amante e amigo do amante, porque está sempre acolhendo o que lhe é aparentado. (PLATÃO, 1972, p. 29-31)

Depreende-se da leitura d’*O Banquete* (1972) de Platão que o amor entre os iguais não era proibido e nem tratado com mal-estar entre os gregos, era até bastante cultuado, postura surpreendentemente adversa da nossa ideia cristã de casais perfeitos. Apesar de os gêneros que derivam do corte feito pelos deuses se restringirem a dois (masculino e feminino), os gregos não desconsideram a relação pederástica. Judith Butler (2003) critica, no entanto, essa bipartição do discurso aristofânico por acreditar ser reducionista, uma vez que os gêneros são múltiplos, e não só em Adão e Eva (masculino e feminino) se detém a diversidade humana.

Sexo x gênero

“Inquietação” é o termo empregado por Foucault (1985) para explicar o posicionamento do mundo grego frente à homossexualidade, sendo que tal tema era problematizado, pensado e discutido, o que não ocorre, segundo o filósofo francês, na sociedade pós Império Romano, influenciada pela filosofia dos estóicos. Com o advento do capitalismo, que visava o lucro em detrimento dos prazeres; bem como a sociedade burguesa vitoriana é, então, estabelecida a interdição, a inexistência das discussões sobre (homo) sexualidade e o mutismo no centro do puritanismo moderno.

Em sua *História da Sexualidade, vol. II*, Foucault (1984) observa inicialmente que a experiência homossexual na Grécia não era “excludente”. A inclinação pelas mulheres e pelos rapazes eram duas inclinações igualmente verossímeis. Pode-se ver assim um indício de bissexualidade dos gregos, mas eles não reconheciam aí duas espécies de “desejos” ou “pulsões” diferentes. O impulso que levava a desejar um homem ou uma mulher era o apetite gerado pela natureza em relação àqueles que são “belos”.

Amar os rapazes era permitido por lei e ratificado pela opinião geral (exceto em alguns casos particulares). A religião, instituições militares e pedagógicas incentivavam tal prática. Não obstante ser liberado pelas leis e opinião pública, o prazer obtido entre os homens era envolvido de uma preocupação moral particular intensa, valores e exigências. Se o amor entre os rapazes já possuía uma estilística bastante peculiar, pois era bem aceito quando ocorria entre um preceptor e um efebo, tendo em vista a iniciação sexual deste, não era bem visto quando ocorria entre indivíduos em idade avançada e compatíveis. Para os gregos só se pode amar um rapaz por um tempo breve, e essa estreita relação de amizade não

deveria sobrevalorizar os prazeres corporais. Isso vai se adensar com a filosofia socrático-platônica.

No discurso de Sócrates percebe-se claramente a sobrevalorização da alma sobre os aspectos físicos do homem, isto é, a alma devia controlar e ter total domínio sobre o corpo do indivíduo. Razão pela qual Sócrates chega a desprezar os prazeres obtidos pelo corpo, de modo a escravizar a alma. Platão em seus primeiros textos cultuava o amor socrático, mas extirpa tal relação de seus últimos textos, passando a definir o amor entre os rapazes como “antinatural”. Talvez esteja aí a raiz da postura de nossas sociedades em relação à pederastia, levando-se em conta que grande parte da obra socrático-platônica (e dos estóicos romanos) seria assimilada pela filosofia cristã.

Se por um lado são inquietantes as razões que levam a uma relação como a que encontramos em *O Segredo de Brokeback Mountain* (Lee, 2005), são também estranhas as razões que levam à não realização dessa relação amorosa. A ideia da *chave de roda* que persegue os dois amantes causa profundo mal-estar no leitor; e interessante seria, não obstante parecer impraticável, determinar as causas que levam os indivíduos a serem perseguidos por ela, bem como, as fontes que originam a aversão que comumente se tem frente à união entre os iguais, o impedimento social que separa Ennis de Jack.

Foucault (1984) tenta compreender a relação entre os rapazes através do isomorfismo: relação sexual x relação social. Sexualidade está intrinsecamente vinculada às relações de poder. Demonstra que atividade e passividade na relação sexual liga-se a superior e inferior, dominador e dominado, vencedor e vencido. O papel exercido pelo sujeito ativo é tido como superior e honroso. Daí, então poderia advir a condição marginal dos sujeitos passivos: escravos, mulheres e gays. Tais segmentos (das minorias marginalizadas, ou melhor, da maioria socialmente silenciada) são marcados por “uma inferioridade de natureza e de condição”, nas palavras de Foucault. Em relação às mulheres, o filósofo observa que esta é uma condição tolerada, em certa medida, visto que está em conformidade com o que “a natureza quis e ao que o *status* impõe” (1984; p. 191).

Era justamente essa a questão que suscitava problemas no mundo grego no que concerne à relação entre os rapazes. Ao que parece, tal problemática foi legada à posterioridade, “provocada pela justaposição entre uma ética da superioridade viril e uma concepção de qualquer relação sexual segundo o esquema da penetração e da dominação do macho” (1984; p. 194). Se por um lado o ser humano tende a aceitar certos valores positivos no amor socrático, a necessidade de enquadrar um dos parceiros em posição passiva, dominada e inferior, origina a problemática do interdito nesse tipo de relação. “E embora não

haja problema quando se trata de uma mulher ou de um escravo, o mesmo não acontece quando se trata de um homem” (1984; p. 194).

Ao que parece, filosofia e pederastia nascem juntas, conforme demonstra Foucault. Foi registrada anteriormente a posição de Sócrates acerca do condicionamento do corpo à alma. Assim, o filósofo grego postulava a relação virtuosa entre os rapazes, sem que aderissem às práticas violentas e indignas. Tal situação vem à tona no Diálogo de Plutarco estudado por Foucault (1985). No *Diálogo Sobre o Amor* (apud FOUCAULT, 1985), encontra-se uma discussão acerca da relação com as mulheres e entre os rapazes. Frente ao debate, Plutarco tenta elaborar uma teoria geral do amor para os adversários que o assistem, partidários de uma das duas espécies de amor. De um lado estão os favoráveis ao amor pelos rapazes, de outro aqueles que acreditam na relação bissexual do indivíduo.

Para Foucault (1985), esse discurso sinaliza a inversão da estrutura binária da Configuração Erótica, movimento que será completado posteriormente quando se estruturar a concepção unitária do amor, e suas relações terão restringidas suas fronteiras, modelo que estaria presente na nossa atualidade. Estando Plutarco no meio dessa discussão em que se encontra de um lado partidário da homossexualidade, e de outro, defensores da expressão bissexual, cabe a ele ser partidário do amor pelas mulheres, postura que para Foucault estabelece “uma Erótica unitária, nitidamente organizada sobre o modelo da relação homem-mulher” (1985; p.198).

Foucault (1985) conclui o terceiro volume de sua *História da Sexualidade* percebendo que em nosso meio “uma certa desqualificação doutrinal parece recair sobre o amor pelos rapazes” (1985, p. 231).

A austeridade sexual do cristianismo que condena a relação extraconjugal e o amor entre os rapazes encontra “armadura legal e um suporte institucional” (idem). Na cultura europeia cristã é a moça ou a mulher casada que sofrerá um cuidado privilegiado; o cuidado extremado que recebia o jovem rapaz na cultura helênica, que fazia de seu corpo um objeto de culto, prezava sua reputação e cultuava sua beleza, será então transferido para a figura feminina. Quanto à reputação do homem, esta não será atingida se ele conseguir preservar sua postura de ser ativo e dominador nas suas diversas relações.

A visão *queer*: gênero é muito mais que sexo

Judith Butler (2003) atenta para o fato de o gênero ser culturalmente construído e questiona a aplicabilidade dos termos “homens” e “mulheres” a corpos definidos como tal,

bem como o fato de os gêneros serem reduzidos a dois. Percebe-se em Butler (2003) uma forte influência (pós) freudiana ao demonstrar que o ser humano é naturalmente de índole bissexual, e quando só uma forma dessas possibilidades é desenvolvida no indivíduo, ele procura de outra forma recompensar a possibilidade recusada. Demonstra, entretanto, ser a exogamia uma das expressões de bissexualidade recalcada (p. 70).

É notório o estereótipo criado de que o homossexual masculino é sempre um ser efeminado, enquanto o heterossexual enquadra-se no estilo “machão”. Butler (2003) desconstrói tal postura ao observar que “os homens homossexuais exageram sua heterossexualidade como defesa contra sua homossexualidade”. A estudiosa indaga se esses homens *gays* são (ou devem ser) tão diferentes dos heterossexuais e assim chama atenção para a diversidade da sexualidade e do comportamento humano. Com a assertiva discutida acima, verificamos por que os homossexuais de *O Segredo de Brokeback Mountain* (2006) são sempre “caras durões”, como define a personagem Ennis, indivíduos que não têm sua bissexualidade facilmente determinada.

Segundo Butler (2003), isso decorre de uma “heterossexualidade compulsória,” da teoria de Monique Wittig (*apud* BUTLER,) ou “normativa”, a que os indivíduos estão expostos em nossa estrutura cultural. A masculinidade que permite ao homem passar por heterossexual é uma “defesa” do inconsciente humano. No capítulo que trata de “Atos Corporais subversivos”, demonstra, na esteira de Mary Douglas (*apud* BUTLER, 2003) que nas relações corporais: “Todo tipo de permeabilidade não regulada constitui um lugar de poluição e perigo. Como o sexo anal e oral entre homens estabelece claramente certos tipos de permeabilidades corporais não sancionados pela ordem hegemônica.” (BUTTLER, 2003, p. 189-190)

Essa leitura nos remete à observação de Foucault (1984, p. 194), anteriormente discutida, acerca da passividade/atividade dentro do sistema das relações de poder. A pertinência em se tratar essa questão justifica-se pelo fato de a figura do pederasta sempre remeter o pensamento humano a atos sexuais “de perigo e poluição”. Talvez seja essa uma das fontes da homofobia, pois mesmo aos menos *desavisados*, relações como a mantida entre Ennis e Jack, seja na noite na tenda ou no quarto de motel, causam desconforto e são vistas como antinaturais, mesmo que a exposição de encontros amorosos já não se constitua em tabu nas produções artísticas do Ocidente. Assim, a estudiosa americana conclui que “significativamente, estar ‘fora’ da ordem hegemônica não significa estar ‘dentro’ de um estado sórdido e desordenado de natureza” (BUTTLER, 2003, p. 190).

Com as obras de Butler e Foucault percebe-se que o gênero decorre de uma série de “regulações sociais”; entende-se, como postula Nietzsche, que o corpo é uma página em branco na qual os valores culturais se inscrevem. Em *Problemas de Gênero* (2003) verifica-se que, se o signo é arbitrário, conforme propôs Saussure, a designação masculino/feminino pode ser reformulada.

De leituras que vão da cultura da Antiguidade Grega aos estudos multidisciplinares da atualidade, depreende-se que a relação entre os iguais pode (e deve, conforme postula a Teoria Queer) ser vista sob outro prisma. União amorosa entre dois rapazes ou duas mulheres não implica somente sexo, mas liberdade de escolha, desejo, diversidade e relativismo no desempenho do gênero, e não necessariamente somente o homossexualismo – o que pode colocar Ennis e Jack numa visão mais sublimada de amor, acima de apenas sexo. O estilo comedido e bem elaborado de Proulx leva a esse tipo de reflexão.

Se discussões como essas foram silenciadas por vários séculos da era cristã, na pós-modernidade temos tal problemática vindo à tona outra vez. Em artigo na revista *Cult* (2003), Saulo Lemos observa que “mesmo em momentos de censura e restrição, o relacionamento sexual e amoroso entre pessoas do mesmo sexo sempre foi contemplado pela arte da palavra” (p. 40). Ocorre que faz-se necessário distinguir a produção artística que visa ao embandeiramento, e aquela que se enquadra nos moldes artísticos, vez que, “existe um consenso [...] de que a literatura consagra-se como forma artística pelo fato de, entre outras coisas, observar o que o ser humano tem de mais característico e, assim, não resvalar na mesquinhez do panfletarismo, na caricatura da mera propaganda ideológica” (*CULT*; 2004, p. 40). E esse, conforme verificamos, não é o caminho seguido por Annie Proulx.

Intertexto

O conto híbrido do filme (por conter características de romance e novela) de Proulx (2006) pode ser colocado em perfeita comparação intertextual com textos clássicos como *O Retrato de Dorian Gray* (1972), de Oscar Wilde, *Alexis: tratado do vício combate* (1988), de Marguerite Yourcenar, *Giovanni* (1974), de James Baldwin e *Confissão de Lúcio* (1995), de Mário de Sá-Carneiro. Dos títulos observados, alguns merecem maior destaque pela proximidade com a narrativa de *O Segredo de Brokeback Mountain* (2006).

Nesse sentido entendemos que há intertextualidade entre as obras abaixo relacionadas com o conto em questão, pois participam do mesmo *invólucro histórico*, isto é, relacionam-se à dificuldade que as personagens encontram de se realizarem com liberdade, frente à sociedade repressora a que pertencem. Desse modo, verificam-se algumas produções

textuais que dialogam de uma forma ou de outra com a construção da narrativa de Annie Proulx (2006).

O *Retrato de Dorian Gray* (1972) – Oscar Wilde (1854 -1900) – é uma busca de identidade e valorização da beleza física como preciosismo artístico; disputa, antagonismo corpo x mente. Nas obras de Wilde (1972) as referências ao homoerotismo são veladas, recobertas de um relativo preciosismo estilístico. Em *O Retrato de Dorian Gray* (1972), seu único romance, o amor platônico do pintor Basil Hallward pelo belo e jovial Gray é pervertido pelo diabólico e persuasor lorde Henry Wotton, que influencia o ingênuo efebo a levar uma vida de prazeres desregrados, crimes e corrupção de ‘homens e mulheres’: “Nunca em uma obra literária o apuro parnasiano e o decadentismo *fin-de-siècle* estiveram tão amalgamados”. (LEMOS, 2003, p 44).

Aléxis: tratado do vão combate (1988) de Maguerite Yourcenar (1903-1987), inicia dizendo ao leitor: “Se é difícil viver, bem mais penoso é explicar a vida que se vive” (1971, p.17). Gaëtan Martins de Oliveira, na orelha da obra traduzida, define Alexis e a sua reação a uma realidade que não consegue suportar:

Aléxis (1929) é a confissão de um homem, um músico, que deixa a mulher para partir em busca de uma liberdade sexual mais completa e menos eivada de mentira e preconceito. É na verdade a confissão de uma homossexualidade nunca explicitada verbalmente. (OLIVEIRA, 1971)

Narrada em primeira pessoa, a obra apresenta uma inquietação que faz jus ao subtítulo que recebe: *tratado do vão combate*, pois se percebe que a personagem central está em constante combate contra a sua homossexualidade. Na carta que escreve a Monique, a esposa abandonada, Aléxis tenta demonstrar as razões que o levaram a deixá-la, sem dizê-lo explicitamente.

Em *Giovanni* (1974) de James Baldwin (1924 -1987) tem-se um amor não aceito pela sociedade, interrompido pela incapacidade dos amantes de enfrentar a sociedade e viver plenamente o relacionamento amoroso.

Giovanni (1956) aprofunda de modo literário (e literal) os meandros não apenas do sexo, mas do amor entre dois homens, indivíduos saltados de culturas e valores divergentes e conflituosos (um italiano e um americano – David e Giovanni) [...] Em Giovanni o homoerotismo surge como uma identidade cogitada, mas não alcançada em meio do chocar-se de outras identidades (cultural, nacional, pessoal), do cotidiano da modernidade. (LEMOS, 2003, p 45)

Dentre as obras aqui citadas, essa é a que mais se aproxima de *Brokeback Mountain*. David relata os infortúnios que o levaram à situação deprimente em que se encontra, infortúnio causado pela sua inadequação à condição de amante dos rapazes. Inconformado com o sentimento que não consegue extirpar, David arrasta no turbilhão em que imerge todos os que se aproximam dele.

O romance de James Baldwin (1974) contém um teor bastante politizado. David sai do território americano para viver, na França, sua homossexualidade recalcada. Tem-se aí um confronto entre Nova York x Paris, o Novo Mundo debatendo-se com o Velho Mundo. Nessa disputa quem perde é o Velho Mundo, o italiano Giovanni é condenado à guilhotina acusado de assassinato, e David segue rumo aos Estados Unidos frio e atormentado pelos desastres que sua apatia e negligência causaram.

É estratégico o fato de o americano David relacionar-se com Giovanni justamente em Paris, uma vez que, a sociedade norte-americana é tida como uma das mais hipócritas e intolerantes no que concerne à relação homossexual. Assim como Ennis está para David, Jack assemelha-se a Giovanni, esses últimos sacrificados frente à inadequação de seus parceiros. Enquanto Ennis se refugia no isolamento, David sacrifica aqueles que o amam.

A homossexualidade de David, assim como a de Ennis, é tão recalcada que passa a ser esta a linha mestra que move toda a narrativa; é a causa de todos os conflitos do enredo, representa o dilema de uma coletividade, como atesta a personagem Jacques ao dizer ao protagonista da obra: “Continue a não se arriscar – falava agora em tom diferente – e terminará aprisionado em seu próprio corpo sujo, para sempre, sempre, sempre... como eu” (BALDWIN, 1974, p. 80).

Coincide também nas narrativas de Proulx (2006) e Baldwin (1974) o fato de um universo de elementos naturais, de uma forma ou de outra, exercer forte influência sobre os personagens: é a montanha *Brokeback* (tida como uma personagem) que une sentimental e fisicamente Ennis e Jack; a descida da montanha para os dois *cowboys* ocorre como uma queda (para Adão e Adão, ou quem sabe Caim e Abel) do paraíso; ao final, quando tenta desvencilhar-se da teia passional que Giovanni o envolve, David parte de Paris e o vento leva a presença de Giovanni a David assim como leva as folhas atrás deste. Jack também vai naturalmente ao encontro de Ennis mesmo depois de morto (através das camisas guardadas ou dos sonhos de Ennis).

Ennis encara o sentimento e desejos de seu interior como algo antinatural e condenável:

Tinha aqueles dois velhos que moravam juntos lá na minha terra, Earl e Rich. Papai fazia um comentário quando via os dois. Eles eram uma piada apesar de serem velhos bem durões. [...] Dois caras morando juntos? Não. Só consigo ver a gente se encontrando de vez em quando num fim de mundo... (PROULX, 2006, p. 37-38)

O mesmo ocorre na confissão de David:

Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. “Que vergonha! Que vergonha!”, por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um aspecto minúsculo do terrível emaranhado humano, ocorrendo por toda a parte e sempre sem fim (BALDWIN, 1974, p. 87).

É sintomática, nas obras que abordam tais temas, a inquietação das personagens frente à impossibilidade de eliminar o sentimento/desejo que sentem, e da mesma forma a inadaptação e a impossibilidade de harmonizar sua identidade, *vida social e interioridade*. A atração pelos seus semelhantes é apresentada como fonte de dor e sofrimento, e o medo e não enfrentamento dessa situação intensifica o problema. Em James Baldwin (1974), mais uma vez encontra-se sintetizada, já nas primeiras páginas de seu romance, esse dilema:

Vai haver uma moça sentada no banco à minha frente, a imaginar o motivo pelo qual não tenho flertado com ela e que ficará animadíssima com a presença dos recrutados. Eu estarei da mesma forma, porém, saberei me controlar melhor (BALDWIN, 1974, p. 16).

Nos dois casos é possível observar a indecisão e o conflito principalmente do jovem cujo comportamento na relação é configurado como ativo. Ele estranha a relação o tempo todo e se estranha imerso no desejo. Isso torna o sofrimento do companheiro ainda maior e pode-se dizer que é o principal motivo da mútua destruição.

Considerações finais

Com tais apontamentos depreende-se que a questão da homossexualidade passa, sobremaneira, pela questão moral, pois conforme afirma Guacira Louro:

Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo (LOURO, 2004, p. 30).

A Teoria Queer implica, então, na problematização da identidade sexual, não só na discussão acerca da homofobia e da repressão. Queer relaciona-se, sobretudo, à identificação das relações de poder/saber, e constitui-se muito mais com uma questão de composição do *self* (na acepção junguiana do termo), seja do indivíduo, dos indivíduos, da coletividade, como aborda Guacira Louro, falando em uníssono com Seidman (2004, p. 46).

Desse modo, *queer* implica em diferença, mobilidade, revolução; enquanto *straight* mantém-se em um mesmo nível, por ser reto, liso, quadrado, em linha reta. Assim, as correntes intelectuais que tratam do tema na contemporaneidade perpassam pela força-tarefa de tornar o pensamento humano queer, logo, questionador, subversivo, irreverente, multicultural, com novas formas de pensar e tratar o conhecimento.

Conhecimento que, para esta mesma estudiosa, na esteira de teóricos queer, é uma entidade amalgamada à ignorância: todo conhecimento possui já em seu cerne suas ignorâncias. Nesse sentido, a repressão e os atos homofóbicos explicam-se através da questão da ignorância, visto que, esta não é a “ausência de conhecimento” propriamente, mas sim um “efeito” frente à impossibilidade de outra saída, outro caminho (LOURO, 2004, p. 50).

Assim, “a ignorância da homossexualidade poderia ser lida como sendo constitutiva de uma forma particular de conhecer a sexualidade” (LOURO, 2004, p.50). O mito aristofânico, a filosofia socrático-platônica, Adão e Eva no paraíso, a dialética grega que visava ao cuidado de si, bem como os infundáveis atos repressivos em torno da multiplicidade sexual, constituem-se em formas possíveis frente aos recursos que se tem e aos discursos que o indivíduo-produtor pôde lançar mão naquele momento de sua elaboração. Portanto, não devem ser vistos simplesmente como pensamentos limitados. Ou mesmo não deve se processar na contemporaneidade, quando grande parte de “conhecimentos”, estudos, informações, e distanciamento histórico-cultural apresenta-se sobre o tema, a ponto de Foucault (2003) falar em uma *scientia sexualis*. É bem vinda, desse modo, a iminente “reviravolta epistemológica” através daquilo que Louro (2004) chama de “uma pedagogia queer”, olhar só para nosso *umbigo* já não é possível na sociedade ocidental do século XXI.

O conhecimento que Ennis e Jack, portanto, detêm sobre suas sexualidades restringe-se à atração, à afetividade, cordialidade, ao amor que sentem um pelo outro. O ambiente que os aprisiona não participa do mesmo sentimento, razão que o faz hostil em relação ao amor entre os rapazes. Resistir e conformar-se ao sofrimento é a punição que se impõem as personagens homossexuais da literatura mundial, especialmente no caso de *O Segredo de Brokeback Mountain* (2006), e das obras com ela em diálogo intertextual. Tais figuras são persuadidas a acreditar que jazem em um corpo de poluição. Jack Twist é a figura que propõe

um pensamento queer, a fim de que se possa lutar contra a *chave de roda* que lhes é imposta. O narrador de Proulx (2006) lança seu olhar sorrateiro sobre o interior de Ennis, demonstrando que o não desenvolvimento de um pensamento múltiplo e ilimitado leva os indivíduos para o suicídio social, para o *armário*. É assim que encontramos Ennis no desfecho da narrativa:

Quando o cartão chegou – trinta centavos -, ele o espetou no reboque com um percevejo de latão em cada canto. Embaixo, bateu um prego, e no prego, pendurou o cabide de madeira com as duas camisas velhas. Recuou e olhou o conjunto, algumas lágrimas lhe ardendo nos olhos. – Jack, eu juro... – disse embora Jack nunca lhe tivesse pedido juramento nenhum nem fosse do tipo que fazia juras (PROULX, 2006, p. 67).

Resta a Ennis conseguir sua união amorosa com Jack num espaço onírico, num sonho em que não deixa, também, de hesitar e sofrer com a perseguição da *chave de roda* e com a perda de um paraíso perdido: a montanha Brokeback, onde o relacionamento entre dois indivíduos está livre de ter que “dizer seu nome”, para utilizar a tão popularizada expressão de Oscar Wilde (WILDE, 1972).

Para chegar a tais conclusões Ennis teve que passar por profunda e dolorosa experiência interior, pois como constata a própria personagem: “Nada como machucar uma pessoa para fazer ela ouvir direito” (PROULX, 2006, p. 36). “Havia um espaço aberto entre aquilo que ele sabia e aquilo em que tentava acreditar, mas nada se podia fazer a respeito, e, se não dá para consertar, a gente tem que agüentar” (PROULX, 2006, p. 67). É o último estágio arquetípico de Jung, o *self*. Ao perceber tudo isso, tarde já se faz, resta-lhe o espaço utópico à revelia do inóspito, onde poderá viver as recordações do que a sociedade lhe interdito.

Referências

BALDWIN, James. **Giovanni**. Trad. Affonso Blacheyre. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15 e. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

LEE, Ang. **O Segredo de Brokeback Mountain** (filme) título original: Brokeback Mountain, Paramount Pictures / Good Machine, EUA, 2005.

LEMOS, André. **Vida social na cultura contemporânea**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, Saulo. Sendas do homoerotismo. **Cult**, ano VI, n. 66. São Paulo: Editora Bregantini, 2003.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Paulo P. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – FCS/UFRJ, v. 6, n. 2, 1971.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. **Fedro**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PROULX, Annie. **O Segredo de Brokeback Mountain**. Trad. de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

YOURCENAR, Marguerite. **Aléxis**: tratado do vão combate. Lisboa: Difel, 1988.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.

Texto recebido em 19/11/11.

Aprovado em 28/03/12.